

## CULTURA POPULAR E EDUCAÇÃO POPULAR: EM BUSCA DA LIBERTAÇÃO

Professora Letícia Rameh\*

### RESUMO

Este artigo é parte da tese: Movimento de Cultura Popular em Pernambuco: Evolução e Impactos na Sociedade. Cujo objetivo, foi investigar a educação popular a partir da cultura popular em busca da libertação da sociedade, no início da década de 60 no MCP, destacando a sua importância no cenário educacional do Recife. A fundamentação teórica para embasar este trabalho contou com a contribuição de Verena Alberti; Paulo Freire; Ginzburg, entre outros. Usamos a metodologia da história oral na qual trabalhamos com fontes escritas e orais, onde entrevistamos trinta pessoas que participaram do MCP, atuando entre as camadas populares, possibilitou ampliar não só as oportunidades de alfabetização de adultos como também da educação básica para crianças. A proposta resultou na criação da Secretaria Municipal de Educação e no crescimento substancial de novas escolas. Mas, como as elites tradicionais já se encontravam insatisfeitas, após a instauração da ditadura militar, elas influenciaram também para o término do Movimento.

**Palavras-chave:** Movimento de Cultura Popular; educação popular; cultura popular.

### ABSTRACT

This article is part of the thesis: Movement of Popular Culture in Pernambuco: Evolution and Impact on Society. Whose purpose was to investigate the popular education from popular culture in search of the liberation of society, the early 60 in MCP, highlighting its importance in the educational scenario of Recife. The theoretical foundation for this work embasar counted on the contribution of Verena Alberti; Paulo Freire; Ginzburg, among others. We use the methodology of oral history in which we work with written and oral sources, which interviewed thirty people who participated in the MCP, acting between the grassroots, has not only expand opportunities for adult literacy, but also basic education for children. The proposal resulted the creation of the Municipal Secretary of Education and the substantial growth of new schools. But as the traditional elites were already dissatisfied, after establishment of military dictatorship, they also influenced to the end of the Movement.

**Keywords:** Movement of Popular Culture; popular education; popular culture.

### INTRODUÇÃO

Este trabalho é parte da tese: Movimento de Cultura Popular em Pernambuco: Evolução e Impactos na Sociedade. Pesquisamos a educação popular a partir da cultura popular em busca da libertação da sociedade, no início dos anos 60 no MCP, destacando a sua importância no cenário educacional do Recife, tendo como principal teórico; Paulo Freire e usamos a metodologia da história oral na qual trabalhamos com fontes

---

\* Professora do curso de Pedagogia da FACHO e do Centro Paulo Freire, Pedagoga, Psicopedagoga, Mestra em Psicologia Social e da Personalidade ( PUC/RS), Doutora em Educação (UFPB). E-mail: [leticiarameh@yahoo.com.br](mailto:leticiarameh@yahoo.com.br).

escritas e orais, entrevistamos trinta pessoas que participaram do MCP, atuando entre as camadas populares. Porém, por se tratar de um artigo, não foi possível citá-los.

Osmar Fávero (1983) evidencia que, nessa época, o uso da expressão “cultura popular” era uma novidade no Brasil, enquanto em países da Europa, como a França, e países socialistas, como China e até Cuba, o termo já era utilizado havia bastante tempo, nas discussões sobre elitização da cultura e o acesso do povo aos bens culturais. Ademais os setores de classe média tiveram uma importância fundamental ao conquistarem espaços nas universidades, através de seus estudos e pesquisas, introduzindo a denominação ‘cultura popular’, que, inclusive, era estranha para as pessoas dos meios populares.

Paulo Freire uma vez questionado pelo repórter Ricardo Kotscho sobre “o que é cultura”, respondeu que era um “debate que tinha a ver com as relações entre ser humano e o mundo; o papel do trabalho na transformação do mundo e o resultado dessa transformação se consubstanciando na criação de um outro mundo que, esse sim, é criado por nós: o mundo da cultura, que se alonga no mundo da História”. (FREIRE, 1987, p. 15-16).

A visão de Carlos Estevam (1983), se aproxima de Freire, quando diz: só será possível modificação na sociedade através da consciência política revolucionária, e a cultura é uma construção histórica e social, seja como concepção, seja como dimensão do processo social. A cultura não é algo natural, não é uma decorrência de leis físicas ou biológicas; ela é um produto coletivo da vida humana.

Ainda, de acordo com Freire (2005), o processo educativo tem como ponto de partida a prática política, isto é, dentro da concepção da Educação Popular; onde o conhecimento do mundo é também feito através das práticas da realidade. Entendendo-a como mobilização, como organização popular para exercício do poder que se vai conquistando, para depois sistematizar o saber juntamente com os grupos populares.

Nesse período, surgiu a expansão da educação em Pernambuco e em especial em Recife, com a criação da Secretaria de Educação do Município a partir do MCP

## **Cultura Popular**

Para compreendermos o conceito de Cultura Popular nos apoiamos em Fávero (1983, p. 49 e 50).

A expressão “cultura popular” surge como uma denúncia dos conceitos culturais em voga que buscam esconder o seu caráter de classe. Quando se fala em cultura popular acentua-se a necessidade de pôr a cultura a serviço do povo, isto é, dos interesses efetivos do país. Em suma, deixa-se clara a separação entre uma cultura desligada do povo, não-popular, e outra que se volta para ele e, com isso, coloca-se o problema da responsabilidade social do intelectual, o que obriga a uma opção. Não se trata de teorizar sobre cultura em geral, mas de agir sobre a cultura presente, procurando transformá-la, estendê-la, aprofundá-la.

Na verdade os conhecimentos tidos pela maior parte da população passaram a ser entendidos como uma forma de cultura, considerada inferior, atrasada e superada. Surgia, assim, o conceito de “cultura popular”. Não se pode esquecer, porém, que quem elaborou inicialmente a concepção de “cultura popular”, foram os intelectuais que participavam da elite cultural da sociedade. Veja-se que, no Brasil, o termo “cultura popular” começou a ser conceituado a partir dos anos 1960, o que propiciou a reinvenção de idéias e a proposição de novas práticas, como afirma Osmar Fávero (1983, p. 07):

A partir do estudo dos problemas da consciência histórica, da cultura e da ideologia, de um lado, e das discussões, sobre a arte popular revolucionária e o papel das vanguardas artísticas e intelectuais, de outro lado, essas idéias foram retrabalhadas no Brasil. Procurava-se definir o papel da cultura na revolução brasileira.

Dessa forma, os intelectuais se integraram ao trabalho da cultura popular, constatando os problemas sociais e agindo, ou seja, seguindo para uma ação concreta tanto nas atividades culturais quanto nas educacionais. Daí, verificamos que houve uma relevância não só dos movimentos sociais, em especial do MCP, como também da União Nacional dos Estudantes (UNE) e dos centros populares de cultura (CPCs), que tiveram uma ativa atuação.

De acordo com Carlos Estevam, ao escrever no período em foco, a consciência política é parte imprescindível da cultura popular, colabora com o povo para um movimento em busca do poder. Isso complementa a idéia de Ferreira Gullar, que não acreditava na ação única dos intelectuais.

A cultura popular, essencialmente, diz respeito a uma forma particularíssima de consciência: a consciência política, a consciência que imediatamente deságua na ação política. Ainda assim, não a ação política em geral, mas a ação política do povo. Ela é o conjunto teórico-prático que co-determina, juntamente com a totalidade das condições materiais objetivas, o movimento ascensional das massas em direção à conquista do poder na sociedade de classes. (ESTEVAM, 1983, p. 39).

Nesse período, o termo “cultura popular” começou a tomar significações e a se intensificar de forma diversificada. Em razão da mentalidade desenvolvimentista nos intelectuais da época, começaram a aparecer novos problemas. Um deles foi a questão da consciência da defasagem cultural entre as diversas classes, o que acelerou, ainda mais o processo político e a vontade dos intelectuais de participação desse processo.

Compreendemos, destarte, que Paulo Freire (1980) se aproxima do conceito de Vieira Pinto (só os seres humanos, através do meio ambiente, promovem cultura e são capazes de se criarem e se recriarem), quando diz: cultura é tudo o que é criado pelo homem e pela mulher, é o resultado do seu trabalho, do seu esforço criador e recriador. Concordamos, até certo ponto, com Freire, pois cremos que depende não apenas do esforço mas também das condições e oportunidades que os seres humanos têm ou seja, nas relações do indivíduo com o mundo, ele vai construindo a cultura. Podemos apreender nas suas palavras:

Nas permanentes relações homem-realidade, homem-estrutura, realidade-homem origina-se a dimensão do cultural que em sentido amplo, antropológico-descritivo, é tudo o que o homem cria e recria. (...) Cultura, no sentido que aqui nos interessa, é tanto um instrumento primitivo de caça, de guerra, como é a linguagem ou a obra de Picasso. (...) Todos os produtos que resultam da atividade do homem, todo o conjunto de suas obras, materiais ou espirituais, por serem produtos humanos que se desprendem do homem, voltam-se para ele e o marcam, impondo-lhe formas de ser e de se comportar também culturais. (FREIRE, 1979, p. 56-57).

Freire, nos seus textos, não enfatiza a expressão cultura popular, e sim a palavra “cultura” de forma abrangente; porém compreendemos que a ela se refere, pois o seu conceito vem interligado com o povo, conforme descrição:

Todos os povos têm cultura, porque trabalham, porque transformam o mundo e, ao transformá-lo, se transformam. A dança do povo é cultura. A música do povo é cultura, como cultura é também as formas como o povo cultiva a terra. Cultura é também a maneira como que o povo tem de andar, de sorrir, de falar, de cantar, enquanto trabalha (...) Cultura são os instrumentos que o povo usa para produzir. Cultura é a forma como o povo entende e expressa o seu mundo e como o povo se compreende nas suas relações com o seu mundo. Cultura é o tambor que soa pela noite adentro. Cultura é o ritmo do tambor. Cultura é a ginha dos corpos do povo ao ritmo dos tambores (FREIRE, 2003, p. 75-76).

Acreditamos que a cultura popular faz parte do cotidiano das pessoas, ou seja, da vida dos seres humanos, independente da classe social. E, segundo Ginzburg (2006), é possível captar uma circularidade cultural existente entre a cultura das classes

dominantes e a das classes subalternas. Como bem adverte Freire, a cultura é a concretização do nosso trabalho: são necessárias a ação e a reflexão sobre este mundo onde nós vivemos, para concretizarmos de forma consciente.

Marilena Chauí (1986, p. 25) salienta: cultura popular é “um conjunto disperso de práticas, representações e formas de consciência que possuem lógica própria (o jogo interno do conformismo, do inconformismo e da resistência), distinguindo-se da cultura dominante...”, que se diferencia, justamente, dessas lógicas acima citadas.

Para Ferreira Gullar (*In: FÁVERO, 1983, p. 49*), a expressão “cultura popular” designa, na vida brasileira, um fenômeno novo cuja importância está na razão direta dos complexos fatores sociais que o determinam. E complementa:

A cultura popular é, em suma, a tomada de consciência da realidade brasileira. Cultura popular é compreender que o problema do analfabetismo, como o da deficiência de vagas nas Universidades, não está desligado da condição de miséria do camponês, nem da dominação imperialista sobre a economia do país. Cultura popular é compreender que as dificuldades por que passa a indústria do livro, como a estreiteza do campo aberto às atividades intelectuais, são frutos da deficiência do ensino e da cultura, mantidos como privilégios de uma reduzida faixa da população. (...) É compreender, em suma, que todos esses problemas só encontrarão solução se realizarem profundas transformações na estrutura sócio-econômica e conseqüentemente no sistema do poder. Cultura popular é, portanto, antes de mais nada, consciência revolucionária. (GULLAR *in: FÁVERO, 1983, p. 51, 52*).

No depoimento da nossa entrevistada Argentina Rosas, participante do movimento, ela reconstrói sua memória, permitindo-nos verificar a influência do MCP na vida das pessoas e, em particular, na sua própria vida, tanto social quanto política, econômica e cultural – ocorreram mudanças nos seus costumes em relação à música e ao teatro.

O MCP, para mim, foi de uma importância fundamental. Mudou a minha cabeça tanto política como socialmente. Passei a valorizar o que é nosso. (...) O artesão se sentiu valorizado, seus produtos eram vendidos no Recife, eram expostos no MCP. Outra mudança muito grande foi abrir as portas do teatro Santa Isabel, e o povo foi ao teatro e gostou dos concertos. Desmoralizou o preconceito de que o povo não gosta de teatro nem de música clássica. O MCP fez concertos populares e o povo ia. José Wilker, que é respeitado no cinema e na TV, começou no MCP. O MCP inovou também nisso em levar o povo ouvir o clássico. Deu oportunidade ao povo e ele mostrou que não existe classe social que só goste de um estilo de música. (ARGENTINA ROSAS, 2006).

As mudanças ocorridas na sociedade aconteceram não só na área cultural e educacional como também na política e social. Assim nos lembra Argentina Rosas destacando a brasilidade como a filosofia do MCP.

Para finalizar este item, trazemos novamente Carlos Estevam (1983) que adverte: fazem parte da “cultura todas as atividades relativas à formação da consciência política ativa das massas, levar cultura ao povo. Todos os objetivos, idéias, obras, organizações, símbolos, comportamentos, valores, atitudes...” (p. 39). Acrescenta ainda, que cultura popular é tudo mais que aponta, francamente, a aumentar o nível de entendimento da ação e expressão cultural da luta política do povo. Porém essa ação deve ser empreendida a partir do povo, e não apenas pelos intelectuais. Conseqüentemente “... só há cultura popular onde se produz o processo que transforma a consciência alienada em consciência revolucionária, ativamente engajada na luta política” (ESTEVAM, 1983, p.41).

A cultura se realiza através da ação de homens e mulheres, tanto coletiva, quanto como individualmente. É uma realidade e uma concepção de que precisamos apropriarmos, ao mesmo tempo, em favor do progresso social e da liberdade e em prol da luta contra a exploração de uma parte da sociedade por outra e pela superação da opressão e da desigualdade social.

### **Educação Popular**

Todo planejamento educacional, para qualquer sociedade, tem de responder às marcas e aos valores dessa sociedade. Só assim é que pode funcionar o processo educativo, ora como força estabilizadora, ora como fator de mudança. Às vezes, preservando determinadas formas de cultura. Outras, interferindo no processo histórico, instrumentalmente. De qualquer modo, para ser autêntico, é necessário ao processo educativo que se ponha em relação de organicidade com a contextura da sociedade a que se aplica. (Paulo Freire).

Vamos nos deter apenas ao período de 1960 a 1964, porém achamos necessário que recuemos no tempo, para melhor situarmos o contexto brasileiro. Na opinião de Eustáquio Romão (In: GADOTTI, 2000), nos fins dos anos 50, no Recife, a cultura era elitista, isto é, os questionamentos surgidos eram provenientes das elites, portanto, a passagem da valorização do saber das elites para o saber popular foi conflituosa, em termos de idéias e atitudes, entre os intelectuais dos setores de classe média. Apesar disso, não podemos negar que havia uma participação ativa de alguns intelectuais dos

setores médios da sociedade que se misturavam com o povo; e isso não era comum na época, causando um impacto assustador ao poder hegemônico.

Neste período, segundo Vanilda Paiva (1986), o conceito mais amplo de Educação popular estava diretamente ligado ao trabalho educativo da Igreja na criação do MEB cujo setor progressista assumiu o programa de aproximação e participação nas lutas.

Portanto, o termo “popular” passou a ter uma conotação política na educação, em legitimidade apenas à educação “produzida pelas classes populares ou para as classes populares em função de seus interesses de classes e, de preferência, realizada através de um processo informal inserido e confundido com a vida quotidiana das camadas populares” (PAIVA, 1986, p. 33). Tornou-se, dessa forma, a vida das populações pobres mais significativa em termos de educação e qualidade de vida. Daí, concordamos com Paulo Freire: ‘toda educação é política e não pode ser neutra’.

Ainda com relação a essa questão, Fávero (1983) afirma que é popular a cultura que leva o homem a assumir a sua posição de sujeito da própria criação cultural e de operário consciente do processo histórico em que se acha inserido. Nesse sentido, um movimento de cultura popular só será autêntico e terá sentido à medida que promover a elaboração da cultura com o povo, e não para o povo, levando-o, assim, para a sua libertação. Paulo Freire lembra essa questão e salienta:

A educação popular ganha uma força maior por várias razões. Comento algumas: penso naquele estilo de fazer política que era próprio do populismo. Nesse estilo de fazer política as massas e os movimentos populares ‘aparecem’; coloquei entre aspas ‘aparecem’ e nós sabemos porque: os grupos e movimentos populares entravam em cena de forma tutelada e vigiada. No entanto, havia muita gente que trabalhava muito a sério essa participação de movimentos ou grupos populares; houve quem levasse a sério um país onde fosse possível e importante a participação e movimentos populares organizados. Surgiu uma compreensão sobre movimentos de classes populares. Não estou afirmando que isso se deu ‘graças’ ao populismo. Não. Estou dizendo que o contexto e aquela maneira de fazer política permitiram que tomassem corpo preocupações desse gênero. Alguns grupos populares produziram os seus intelectuais e fizeram possível uma concepção ‘orientada’ de educação (FREIRE, 1986, p. 16).

Os movimentos populares, desenvolvidos antes do golpe militar de 64 no Brasil e, em especial, em Pernambuco -, tiveram suas bases no populismo que vinha desde Getúlio Vargas. Além disso, a época em que esses movimentos surgiram foi marcada por um pensamento interessado no avanço social, graças, sobretudo, ao Instituto

Superior de Estudos Brasileiros (ISEB), criado em 1955. Tal instituto foi uma das organizações nacionalistas mais importantes e influentes no governo JK. Durante o seu governo, o ISEB apoiou a política desenvolvimentista, embora essa propusesse a parceria com multinacionais para viabilizar a industrialização. Atuava, ainda, nos meios acadêmicos civis e militares, elaborando instrumentos teóricos (ideológicos) que permitissem a promoção do desenvolvimento nacionalista. (PAULO FREIRE, 1986).

O clima de discussão intensa e de realizações concretas em torno da problemática educacional e cultural, patrocinadas pela Prefeitura do Recife, dirigida por Miguel Arraes, levou o Governo do Estado, cuja meta básica era modernizar Pernambuco, a redefinir o seu programa educacional que, até então, teria dado seqüência às ações que derivavam da concepção liberal de educação como “direito de todos os homens” (SILKE WEBER, 1984).

Até então, os governos não haviam ainda priorizado os problemas educacionais em Pernambuco. Além disso, conforme Silke Weber (1984): a assessora técnica do Prefeito Miguel Arraes – professora Anita Paes Barreto –, logo ao assumir a direção de ensino do município, procurou justificar a situação calamitosa em que se encontrava a população recifense em idade escolar, impossibilitada de estudar pela falta de unidades escolares, o que prejudicava mais de 50% das crianças na faixa etária entre 7 e 14 anos. A partir desta constatação, foi possível pensar em fazer funcionar novas escolas para o atendimento a essas crianças. Portanto, com o apoio das instituições públicas e privadas, no âmbito municipal e estadual, rapidamente as escolas de Recife proliferaram.

### **Cultura Popular e Educação Popular: em busca da libertação**

Dentre as formas de luta popular que surgiram naqueles anos, ou que neles conseguiram se fortalecer, uma delas se chamou cultura popular; e ela subordinava outra: a educação popular.

(Osmar Fávero)

Percebemos que os que insistem no tema da cultura popular compreendem todos os problemas sociais, culturais, políticos, econômicos e educacionais, a partir da realidade do nosso país, em busca da libertação do povo. O Brasil despertava para a compreensão da função da cultura popular na educação brasileira, inclusive através das artes plásticas que estavam sendo desenvolvidas pelos intelectuais dos setores de classe média da sociedade. Segundo Moacir Gadotti (1998), a educação popular nasceu na



América Latina, no calor das lutas populares, cujas sementes cresceram em numerosos grupos e organizações, unindo conscientização e organização popular.

As propostas de educação popular nasceram nesse contexto, aparecendo como instrumento de emancipação das classes populares. Paulo Freire foi fruto e, ao mesmo tempo, ator daquele momento histórico, de profundo significado para a sociedade brasileira. Esperanças e decepções, avanços e retrocessos são faces da mesma moeda. A luta, o combate, as desavenças, as discórdias, as contradições e divergências são as bases da sociedade que se industrializa sob o modo de produção capitalista.

Nesse contexto, podemos falar do popular quando o povo manifesta seus desejos a partir das suas necessidades básicas, e não enquanto objeto da ação dos intelectuais, seus aliados.

Podemos perceber que a concepção de “cultura” desenvolvida por Álvaro Vieira Pinto e por Ferreira Gullar, entre outros, proporcionou condições de desenvolvimento e compreensão do MCP juntamente com o povo, e não para o povo. Dessa forma, as pessoas poderão compreender o seu papel e sua função na sociedade.

Vale a pena entendermos que houve o apoio dos intelectuais de classe média de forma implícita ou explícita, não só pela educação comprometida com a mudança social, em oposição aos que viam a educação como uma forma de preservar as desigualdades que marcavam a ordem social vigente, como também pela abrangência de todos os aspectos da vida. Dessa forma, o sonho seria reivindicar uma sociedade mais justa e mais humana para a maioria da população marginalizada, ou seja, à margem dos recursos da sociedade, sem as mínimas condições necessárias de sobrevivência.

De acordo com as leituras feitas e os depoimentos dos entrevistados, o MCP foi considerado um dos movimentos mais significativo da época, pela sua atuação, pela sua importância e pelo trabalho desenvolvido não só pelas atividades ampliadas na cultura popular, na realização de obras literárias, teatrais ou cinematográficas, no espetáculo de rua, em comícios, em sindicatos, em faculdades ou grêmios, como também na educação, atingindo a população analfabeta.

Nesse sentido, Paulo Freire muito contribuiu para o movimento, pois foi o responsável pela área de educação de adultos, trabalhando com sua equipe diretamente com o povo, ensinando a ler e transmitindo um mínimo de conhecimento básico para compreender a realidade social do país. Dessa forma, levou-se a cultura popular ao povo por meio dos intelectuais envolvidos com a causa popular. O MCP foi um movimento

pioneiro a partir da cultura e surgiu em Recife, abrindo caminhos para o Brasil. A cultura popular no sentido revolucionário, possibilitou a transformação material da sociedade, tanto na estrutura política quanto na econômica e social, dos conceitos artísticos ou científicos. A cultura popular se adaptou ao momento histórico, visando o futuro.

As diversas formas como a cultura popular pode materializar-se serve à mesma finalidade, que é a educação revolucionária do povo; não se trata de ensinar a este o que ele tem que fazer, mas essa iniciativa deve partir das condições concretas de suas vidas através da prática e das necessidades da sua realidade, e não dos interesses dos intelectuais.

Nesse contexto, podemos observar que, naquela época, o problema da troca entre intelectuais e povo estava posto em níveis mais elevados e menos elevados – parece que ainda não se via que o problema estava em dificuldades não só de níveis culturais mas também de diferenças culturais. Se há níveis diferentes, quem tem nível mais elevado não é quem detém a capacidade de buscar a unidade de ação e a direção do processo. Isso esclarece a aspiração para o lugar de destaque destinado aos setores de classe média na ordem política que se quer alcançar.

Nessa perspectiva, a cultura popular está presente em toda a nossa vida e da coletividade, de uma forma geral e em particular, e esta, está inserida levando em consideração as contradições da sociedade em que vivemos.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Como dizia Paulo Rosas, ‘havia uma mão de obra disponível’ na sociedade que favoreceu o surgimento da instituição. O MCP agregou, com suas múltiplas atividades culturais, as pessoas interessadas justamente na transformação social. O analfabetismo reinava. O analfabeto não votava. Havia também interesse dos políticos pelo voto do analfabeto. Políticos de todas as facções discursavam a favor da alfabetização. Isto é alfabetizar para assinar o nome e poder votar. Nós pensávamos diferente. Queríamos uma alfabetização que desenvolvesse uma consciência crítica. Era muita vontade de construir um país mais justo. (ARGENTINA ROSAS, 2006).

Buscamos, através da nossa pesquisa, fazer uma análise histórico-exploratória a partir do Movimento de Cultura Popular do Recife, partindo da realidade no início da década de 1960, enfatizando os estudos da educação e da cultura popular. Nesse

período, de 1960 a 1964, a cidade de Recife viveu uma das mais ricas experiências de mobilização popular, que, logo depois, se expandiu para todo o estado de Pernambuco.

O MCP atuou em diferentes ângulos, desenvolveu o projeto educacional, não só construindo o Sistema de Educação Escolar do Município do Recife, apoiado na revalorização da cultura local, como também elaborando o Sistema Paulo Freire de Educação, que atuou em âmbito nacional. Como uma educação diferente dos padrões tradicionais voltada para a realidade, estimulava uma formação para a cidadania. Uma educação realizada através da cultura popular, por meio da produção artística - nas artes plásticas, música, teatro, dança, entre outras - com o apoio do governo municipal e estadual. O MCP também teve a preocupação de atuar nas reformas de estrutura de base, de maneira a contribuir para alterar o quadro de miséria e de subdesenvolvimento que havia em Pernambuco.

Em tal contexto, esse trabalho democrático realizado pelos integrantes do MCP permaneceu até o golpe militar de 1964, quando foram encerradas as suas atividades. Com a extinção do MCP, a Prefeitura do Recife, para manter as escolas em funcionamento, criou a Fundação Guararapes que surgiu em 1966, porém com uma ideologia e uma política diferente das do Movimento.

## REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **História oral: a experiência do CPDOC**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1989.

CHAUÍ, Marilena. **Conformismo e Resistência** – aspectos da cultura popular no Brasil. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.

ESTEVAM, Carlos. A questão da Cultura Popular. In: FÁVERO, Osmar (Org.). **Cultura popular e educação popular: memória dos anos 60**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983, p. 33-47.

FÁVERO, Osmar (Org.). **Cultura popular e educação popular: memória dos anos 60**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1. edição, 1983.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 45. ed. São Paulo: Cortez / Autores Associados, 2003.

\_\_\_\_\_, Paulo; BETTO, Frei. **Essa escola chamada vida: depoimentos ao repórter Ricardo Kotszgo**. 5.ed. São Paulo: editora Ática, 1987. (Série Educação em Ação).

\_\_\_\_\_, Paulo. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979 (Coleção Educação e Comunicação, vol. 01).

\_\_\_\_\_, Paulo. NOGUEIRA, Adriano. **Que fazer – Teoria e prática em educação popular**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

\_\_\_\_\_, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

\_\_\_\_\_, Paulo. **Política e Educação**. São Paulo: Cortez, 1986.

GADOTTI, Moacir (Org.). **Perspectivas atuais da Educação**. Porto Alegre, RS: Artes Médicas Sul, 2000.

\_\_\_\_\_, Moacir. **Para chegar lá juntos e em tempo: caminhos e significados da educação popular em diferentes contextos**. 21. Reunião Anual da ANPED, Caxambu, 1998.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

GULLAR, Ferreira. Cultura Popular. In: FÁVERO, Osmar (Org.). **Cultura popular e educação popular: memória dos anos 60**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2001, p. 49-55.

PAIVA, Vanilda. **Educação Popular e educação de adultos: contribuições à história da educação brasileira**. SP: Loyola, 1973.

PINTO, Álvaro Vieira. **Revista de Cultura Vozes**. Civilização e Cultura, ano 64. Volume LXIV, nº 6, São Paulo, Editora Vozes. 1970.

ROSAS, Argentina. **Entrevista em Recife**, 2006.

WEBER, Silke. **A educação como foco de projetos político-sociais em Pernambuco**. Texto digitado e apresentado na conferência: 40 anos depois do golpe de 1964 – na fundação Joaquim Nabuco. 2004.